



Arno Engelmann: professor, pesquisador, amigo, colega

Arno Engelmann: Teacher, researcher, friend, colleague

Ana M. A. Carvalho
Briseida D. Resende
Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

O texto homenageia Arno Engelmann, Professor Titular do Departamento de Psicologia Experimental do IPUSP. São apresentados dados biográficos e a evolução de sua carreira na Universidade de São Paulo desde os primórdios do curso de Psicologia, na década de 1960, e a relevância de seu trabalho em suas áreas de atuação, como Evolução Histórica da Psicologia, Sensação e Percepção, Estados Subjetivos, Relatos verbais como acesso metodológico a estados de ânimo e à consciência. Suas contribuições como professor, orientador, pesquisador e suas relações pessoais como colega e amigo são ilustradas sob a forma de depoimentos escritos de alunos, orientandos, colegas e amigos, obtidos por meio de contatos por e-mail ou telefone no decorrer do ano de 2018.

Palavras-chave: Arno Engelmann; ensino e pesquisa em psicologia no Brasil

Abstract

The paper pays homage to Arno Engelmann, Full Professor at the Department of Experimental Psychology of the University of São Paulo. Biographical data and the evolution of his career since the early stages of the Psychology course in University of São Paulo in the sixties and the relevance of his teaching and research work on Historical Evolution of Psychology, Sensation and Perception, Subjective States, Verbal reports as methodological tools of access to conscience and dispositions of mind are presented. His contributions as a teacher, researcher, colleague and friend are described through the testimony of his students, supervisees, colleagues and friends, obtained through email or telephone contacts during 2018.

Keywords: Arno Engelmann; research and teaching on Psychology in Brazil

Arno Engelmann (06/12/1931 – 03/11/2017) nasceu em Berlim, filho único de Josef Salomon Engelmann e Sara Engelmann, naturais da Áustria. Aos cinco anos de idade mudou-se com a família para Paris, onde foi alfabetizado. Por volta de 1940, fugindo da guerra como tantas outras famílias judias, migraram para o Rio de Janeiro e, em 1945, para São Paulo. Casou-se em 1963 com Lucy Calil, a quem tinha sido apresentado por amigos, e que reencontrou em uma banca de exame oral do curso de Filosofia em dezembro de 1962. Lucy Calil Engelmann tornou-se psicanalista e foi sua companheira de toda a vida – pontuada por concertos aos sábados na OSESP e muitas viagens, cujo destino favorito era Paris (Mammi, 2017).



Professor Arno Engelmann

Embora dotado de talento musical e incentivado pela professora a fazer carreira, Arno contentou-se em ser um pianista diletante para atender o desejo de seu pai, que desejava para o filho uma carreira mais convencional; ingressou, então, no curso de Medicina da USP em 1952. No entanto, o interesse por questões filosóficas – a respeito das quais já se envolvia em longas discussões com o colega Rodolpho Azzi no Colégio Mackenzie – acabou por levá-lo a deixar a Medicina em 1955 e ingressar no curso noturno de Filosofia na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, licenciando-se em 1960. Nesse percurso, deparou-se com a Psicologia na disciplina de Personalidade para alunos de Filosofia, ministrada por Walter Hugo de Andrade Cunha, e em outras disciplinas de Psicologia oferecidas a esses alunos por D. Annita de Castilho e Marcondes Cabral. Walter Cunha lembra que D. Annita elogiava o aproveitamento de Arno nessas disciplinas (Cunha, 2018; Mammi, 2017).

No ano letivo de 1960, Arno foi contratado temporariamente pela Cadeira de Psicologia, dirigida por D. Annita, para substituir Walter Cunha nas disciplinas por ele ministradas, durante a permanência de Walter nos Estados Unidos para cursar a pós-graduação em Psicologia Experimental na Universidade de Kansas.

Em 1961-1962, Arno foi passar um ano na Universidade de Illinois, para um curso de Especialização em Psicologia, no qual foi influenciado principalmente pelo



professor C. E. Osgood. Como trabalho final desse curso, elaborou um projeto de pesquisa acerca de relatos verbais sobre emoções e respectivas condições causadoras, que sempre teriam lugar importante em sua atividade posterior de docência e de pesquisa (Cunha, 2018; Engelmann, 1991; Engelmann, 1992a; Engelmann, 1992b; Engelmann, 1997a; Engelmann & Ades, 1997).

De volta ao Brasil em setembro de 1962, Arno foi contratado como Instrutor Extranumerário da Cadeira de Psicologia, novamente para substituir Walter Cunha, agora na disciplina Psicologia Geral e Experimental¹ para o recém criado Curso de Psicologia; nessa mesma ocasião, foi encarregado de auxiliar o colega na realização do exame oral final da disciplina Introdução à Psicologia para o Curso de Filosofia (Cunha, 2018).

No início de 1963, Arno estava fora do país quando Walter, com autorização de D. Annita, lhe escreveu convidando-o para assinar um contrato como instrutor na Cadeira de Psicologia. Arno aceitou a oferta, passando a fazer oficialmente parte da Cadeira, e começou a lecionar em maio de 1963; em setembro do mesmo ano, teve a sorte rara de já ser admitido ao RDIDP - Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa – o que em regra demandava vários anos de trabalho em tempo parcial (e nem sempre realmente parcial...) (Cunha, 2018).

Paralelamente à atividade docente, fez em 1968, sob a orientação de Carolina Bori (homenageada em Engelmann, 1998a), o curso de Especialização em Psicologia Social e Experimental, concluído com a monografia *Os relatos verbais – um campo de investigação da Psicologia*; com a mesma orientadora, defendeu em 1969 a dissertação de mestrado, sob o mesmo título; e em 1972, ainda sob o regime antigo de pós-graduação, a tese de doutorado *Uma tentativa de classificação de relatos verbais de estados subjetivos* (publicada em Engelmann, 1978a), qualificando-se, assim, como orientador do programa de pós-graduação em Psicologia Experimental do recém criado departamento de mesmo nome (PSE – IPUSP). Nesse programa, desenvolveu até sua aposentadoria atividades de ensino, orientação e pesquisa, que geraram sua produção ao longo da carreira. Em 1991, defendeu a livre-docência com a tese *A possibilidade do estudo científico da consciência* (Engelmann, 1991), publicando vários artigos sobre este tema (para citar alguns: Engelmann, 1992a, 1992b, 1997a, 1997b, 1998b); em 1993, obteve o título de professor titular. Aposentado em 1997, continuou a dar aulas por mais de 10 anos, continuando também suas pesquisas (Bueno, Firmino, & Engelmann, 2002; Clark & Engelmann, 2001a, 2001b; Engelmann, 2008).

¹ Em reforma curricular posterior, essa disciplina, ministrada nos dois primeiros anos do curso, foi desdobrada em duas: Psicologia Geral, que continuou a ser ministrada por ele durante muitos anos, e Psicologia Experimental (quatro semestres, um dos quais, sobre Psicologia da Percepção, continuou sob sua responsabilidade).



Em mais de 40 anos de uma carreira profícua, os temas que foram seus focos de interesse incluem consciência, estados subjetivos, emoção, relatos verbais, expressões faciais, percepção, bases teóricas e história da Psicologia, Gestalt, percepção, memória, mente-corpo (por exemplo: Engelmann, 1979, 1986, 1998b, 2002; Figueiredo & Engelmann, 1989; Pereira & Engelmann; 1993); e se expressam em sua atuação docente na pós-graduação como professor e orientador (sintetizada no Quadro I), e em sua produção acadêmica (sintetizada no Quadro II).

Quadro I: Atuação docente na pós-graduação

Disciplinas Ministradas: 1966-1997	
PSE 5785 – O uso do conceito de emoção na Psicologia	
PSE 5781 – Investigação de estados de ânimo e estados subjetivos: emoção, estados físicos	
PSE 720 – Evolução histórica da Psicologia	
PSE 5711 – Movimentos expressivos: percepção e comportamento	
5729 – A Psicologia como parte da Filosofia e das Ciências	
PSE 713 – Psicologia da Consciência	
5714 – Investigações da Consciência	
Participação em Bancas	
Dissertação de Mestrado (1979-2005):	19
Tese de doutorado (1973-2005):	53
Qualificação de Mestrado (1974-2004):	41
Qualificação de Doutorado (1977-2003):	44
Orientação (1977-2005)	
Iniciação científica (1974-1975):	2
Mestrado (1977- 2001):	9
Doutorado (1981-2005):	15

Fonte: Plataforma Lattes

Quadro II: Produção Acadêmica

Artigos completos publicados em periódicos:	78
Livros publicados/ organizados ou edições (1972-1993):	6
Capítulos de livros publicados (1978-2004):	7
Trabalhos completos em anais de congressos (1975-1997):	8
Resumos em anais de congressos (1972-2005):	79
Participação em congressos (1963-2005):	127

Fonte: Plataforma Lattes

O legado de Arno: a voz de alunos, orientandos e colegas²

² Este item inclui depoimentos de várias pessoas que tiveram suas vidas marcadas pela presença de Arno, às quais agradecemos e listamos: Ana M. A. Carvalho; Raquel A. S. Almqvist; José. M. Alves; Ana V. Bal; José Lino O. Bueno; Walter H. A. Cunha; Lucy C. Engelmann; Cesar A. Galera; Marina Massimi; Sonia M. Sampaio; José A. Silva; Edwiges F. M. Silves; Cristina Y. Toyoda. O procedimento para a obtenção dos depoimentos envolveu: (1) a localização de ex-alunos e ex-orientandos, com a ajuda, quando necessário e possível, de outros colegas que tinham contatos e facilidade de obtenção de endereços de email; (2) encaminhamento de uma mensagem para todos os localizados, consultando-os sobre seu interesse e possibilidade de participar desta homenagem enviando um texto escrito a respeito



1. O papel de Arno na formação de orientandos e alunos

Como orientador, Arno sempre se mostrou acolhedor, atencioso, como demonstram os depoimentos de vários de seus alunos. Por exemplo, César Alexis Galera, que foi seu orientando de mestrado e doutorado e atualmente é professor titular da FFCLRP-USP, diz:

Na minha perspectiva de aluno, começando o mestrado, ele era humildantemente brilhante, tinha uma cultura e uma autoridade que lhe permitiam falar da estrutura musical de Clara Crocodilo, de Hannah Arendt, de William James, de psicometria, psicofísica, da obra maldita de Apollinaire. Parecia poder falar de tudo, e falava com poucas palavras, palavras escolhidas, com aquele sotaque arrastado. Nós frequentemente tomávamos o mesmo ônibus no final da tarde, eu por pobreza de aluno, ele porque não dirigia ou porque preferia o ônibus, não sei. Essas nossas conversas no ônibus me foram mais importantes do que as aulas sobre a expressão das emoções. Mais importantes porque, no ônibus, eu podia falar, e as respostas, os comentários, eram mais diretos. Lembro em particular do nariz torcido quando me viu lendo Eichmann em Jerusalem. Não tinha gostado particularmente desse livro, mas respeitava Hannah Arendt. Depois de 30 anos não consigo lembrar dos argumentos. Não era um sionista, era um Professor, num ônibus cheio, no meio de Pinheiros, conversando com um aluno. Quando fiquei sabendo de sua morte, sofri. Agora escrevo este bilhete, agradecendo pelas aulas, pelas conversas no ônibus, pela generosidade, que me ajudaram a ser o que sou.

Cristina Yoshie Toyoda, que foi orientanda de mestrado e atualmente é docente da UFSCAR, conta que, quando foi conversar com Arno pela primeira vez, procurando sua orientação para mestrado, ficou muito impressionada, pois Arno respondia por monossílabos, "mas olhava profundamente, inquirindo com os olhos e com expressões faciais". Cristina classifica a orientação dada por Arno "segura e acolhedora", enfatizando que "a palavra acolhedora é a que melhor caracteriza e define a sua forma de orientar e dar suporte ao aluno calouro", e afirma que Arno "marcou a vida pessoal e profissional de todos que puderam ter o convívio nos horários do cafezinho na Engenharia Elétrica; e ensinou a degustar o café sem adoçar pois, apesar de amargo, revela o gosto verdadeiro da bebida". Para a professora do IPUSP, Edwiges F. M. Silves, orientada por Arno no doutorado, "o professor que conheceu na graduação e foi seu orientador na pós-graduação foi das pessoas cujo comportamento

de sua relação com o homenageado. Essa etapa demandou alguns meses. Uma vez reunidos os depoimentos daqueles que se dispuseram a participar, Ana Carvalho selecionou no material enviado os trechos ou textos completos que pareceram mais adequados para a organização do artigo, agrupando-os segundo sua relevância para cada tópico em que o artigo foi estruturado.



de discrição e solidariedade mais a impressionaram na vida, e seu conhecimento sobre sua área era inigualável”. O professor da UFPA José Moysés Alves, também orientando de doutorado ressalta a paciência de Arno, que sempre o ajudou e tratou com a mesma gentileza. Além de bastante disponível, era, ao mesmo tempo, aberto e rigoroso como orientador. José Moysés Alves diz que:

Admirava os temas de suas disciplinas, a quantidade e qualidade dos textos que escolhia para lermos e sua capacidade de ficar, silenciosamente atento, para que os discutíssemos em sala de aula. Também o admirava por produzir teoria, em um contexto onde quase todos pensavam diferente dele e por influenciar ideias inovadoras de outros pesquisadores. Era bastante empático e afetuoso durante as aulas, orientações e reuniões informais. Algumas vezes saímos para comer e beber umas poucas e boas cervejas. Gosto de lembrar a maneira como sorria. Deixa muitas saudades.

Raquel Alves dos Santos Almqvist, Consultora em Segurança Viária para órgãos governamentais e empresas privadas, foi aluna de mestrado e doutorado de Arno. Seu projeto de pesquisa no mestrado era na área de percepção das placas de trânsito, assunto que Arno aceitou orientar, apesar de ser “um pouco diferente da sua área”, envolvendo-se nas pesquisas. A Dissertação de Mestrado (Santos, 1988) recebeu o Prêmio Regional Volvo de Segurança nas Estradas, sendo até hoje uma referência de pesquisa sobre placas de trânsito no mundo. Raquel a dedicou ao prof. Arno, escrevendo:

Ao Prof. Arno, que me acompanhou durante este período não só como orientador, mas como amigo. Agradeço a credibilidade que concedeu a este trabalho e a possibilidade de concretizá-lo. Agradeço também a atenção, a disponibilidade e as horas ininterruptas de orientação (Santos, 1988, p.3).

A Tese de Doutorado ganhou o 1º Prêmio Nacional Volvo de Segurança no Trânsito, sendo o primeiro Doutorado em Psicologia do Trânsito no Brasil. Raquel seguiu carreira na área e, em 2015, os resultados das pesquisas subsequentes foram apresentados na UNECE-*United Nations Economic Commission for Europe* em Genebra. Esses resultados serviram de base para uma pesquisa internacional com o objetivo de propor novas placas de trânsito, e que servirá de subsídio para uma nova Convenção de Viena. Raquel é grata ao prof. Arno por acreditar na Psicologia do Trânsito quando aqui ainda não existia esta área, e por tê-la incentivado e sempre ter tempo para recebê-la e conversar sobre projetos, sobre novas ideias, sobre a vida e sobre o futuro.

Marina Massimi, professora da FFCLRP USP, conta que:



Recentemente, na ocasião de minha aposentadoria, ao reorganizar meus documentos para liberar o espaço que ocupava no Departamento de Psicologia da FFCLRP, deparei-me com algumas pastas dos meus trabalhos escolares no período em que cursei as disciplinas de Pós Graduação no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP, entre os anos 1982 e 1988. Dentre elas, havia o material de leitura e os trabalhos realizados para as disciplinas do Professor Arno Engelmann. Este achado me trouxe a agradável lembrança do convívio com o professor Arno naqueles anos da Pós Graduação: um convívio marcado pela generosidade, originalidade, magnanimidade intelectual com que o Professor Arno nos acompanhava, proporcionando-nos leituras muito ricas e densas de conteúdos, um material de alguma forma diferente de tudo o que nos era oferecido naqueles anos pela Psicologia acadêmica. Com efeito, havia ali uma intersecção original e rigorosa entre Psicologia (e Psicologia Experimental) e Filosofia; e um diálogo sempre intenso e estimulador, travado durante aulas e seminários dos quais participavam alunos trilhando diferentes caminhos no âmbito da Psicologia Experimental. As disciplinas ministradas por Arno eram sempre um convívio desta natureza; e por isto, eu e outros colegas pós-graduandos procurávamos atentamente saber quando eram oferecidas, e frequentá-las. Ele foi também uma presença construtiva e aguda nas bancas de avaliação de minhas pesquisas (as qualificações, e depois defesas, de mestrado, doutorado). O diálogo com Arno se estendeu para além da Pós-graduação: ele continuou a proporcionar-me sua amizade fiel e presença incentivadora e positiva em todas as bancas de concursos que prestei, até chegar à última, de Professor Titular. Acompanhou assim todo o meu percurso com um incentivo que foi fator decisivo no rumo de pesquisa que eu estava trilhando - o da história da Psicologia e dos saberes psicológicos na cultura brasileira - que no início era algo novo; e quando eu ensaiava os passos para aprender a metodologia da pesquisa histórica, entre erros e acertos. O olhar (diria, sempre filosófico) de Arno era atento a colocar as questões certas com grande atenção ao percurso e às características de seus interlocutores, com uma gentileza, respeito, fineza raros. Arno era um homem autenticamente *universitário* - e talvez seja devido também ao desaparecimento de figuras como ele que nossa universidade hoje esteja profundamente doente... Seu pensamento era profundo e harmônico como a música que ele amava e tocava, excelente pianista que era. Ao lado de Arno, fiel, brilhante e simpática companheira, a dona Lucy. Nós admiramos a parceria afetiva e intelectual que os unia, tão diferentes um do outro, e tão respeitosa, fiel e alegremente companheiros em amar e saborear a vida e sua beleza. Querido Professor Arno, muito obrigada pelo testemunho de sua vida humana e intelectualmente tão consistente! A sua pessoa contribuiu profundamente para a formação de cada um de nós que pudemos ser seus alunos, como também para a ciência e a cultura brasileiras. Obrigada!

E, Sonia Maria Rocha Sampaio, docente da UFBA, e aluna de Arno, conta que:



No ano de 1980, casada e grávida de minha primeira filha, já professora da Universidade Federal da Bahia e finalizando um Mestrado em Educação, fui aprovada para cursar o doutorado na Universidade de São Paulo, na área de concentração de Psicologia Experimental. Era uma nova vida que começava e, nesse mundo novo, muitas regras precisei aprender e respeitar. A começar pelas contingências ligadas à minha condição de estrangeira – afinal, era uma nordestina e minha universidade de origem não gozava do mesmo prestígio da USP. O contato, nesse ambiente, com o time histórico dos professores de Psicologia da USP³ foi um conforto que me ajudou a enfrentar as intempéries de um tempo que ainda não tinha conseguido desvencilhar-se do regime militar e de tudo o que ele implicou no cotidiano dos que o enfrentaram. Logo no início das aulas, comecei a perceber dificuldades no projeto que apresentei para o doutorado quanto ao seu esteio teórico-epistemológico; o desconforto só foi aumentando quando a disciplina Investigação de estados de ânimo e estados subjetivos, que cursava com o professor Arno, me indicou que havia outras formas de compreender o que se chamava, à época, de epifenômeno – nosso mundo subjetivo, nossas emoções. Suas convicções, assumidas com uma gentileza firme, me reaproximaram de antigas inquietações relativas ao campo da Psicologia, nessa época, entrincheirada numa guerra sem tréguas contra o que não considerava “científico”. Uma tarde, no final da sua aula, perguntei se poderíamos conversar um pouco sobre minhas inquietações. Ficamos, por um tempo que não calculo, discutindo minhas inseguranças relativas ao mestrado que acabara de finalizar, o projeto que pretendia desenvolver, os rumos da Psicologia... Lembro da profunda sensação de alívio que aquela conversa me trouxe: eu não estava delirando quando desconfiava da cientificidade sem sujeito praticada no ambiente acadêmico onde eu estava sendo formada, o que incluía também o Departamento de Psicologia da UFBA. Era possível vislumbrar outras possibilidades, e pensar de um jeito mais largo, mais generoso, em relação às diferenças teóricas que faziam parte da ciência psicológica. Livros emprestados, artigos sugeridos, conversas e muita escuta tornaram-se o suporte de que eu precisava para que minhas dúvidas, ao invés de serem abolidas, crescessem e dessem frutos. Ao invés da requerida “conversão” aos cânones da *hard science* aplicados a uma ciência do humano, as questões de tipo epistemológico ganharam o status de centro dos meus interesses acadêmicos, suportadas pela mão firme de Arno. Solicitar minha transferência para sua orientação foi um caminho natural, embora de difícil aceitação naquele ambiente razoavelmente impermeável do B10; mas, finalmente, obtive do Colegiado o aval para seguir meus estudos sob a direção de Arno: um tempo de partilha, de descobertas e de muita solidariedade, que nossa condição de estrangeiros costurou e manteve. Com ele, além de atribuir à epistemologia seu justo lugar no âmbito do conhecimento psicológico, entendi a importância de conhecer a história da Psicologia no conjunto das ciências humanas e naturais e como modelos de investigação mais descritivos podem ser interessantes quando construímos um objeto científico. A vida não quis que esse projeto de doutorado, quase chegando o momento da defesa, fosse finalizado. Mais uma vez, Arno

³ Carolina M. Bori, Maria Amélia Matos, Ana Maria Almeida Carvalho, César Ades, entre outros.



soube entender as dificuldades por que eu passava e me deixou ir cumprir as exigências que impediram meu doutoramento na USP. Tantos anos depois, ainda sou grata à sua infinita generosidade e participação na minha formação intelectual.

2. Arno pesquisador

A contribuição científica de Arno Engelmann ultrapassa fronteiras nacionais, como evidencia o obituário recentemente publicado por seu colega e amigo Gerhard Stemberger (Stemberger, 2018). O autor enfatiza a relevância dos trabalhos de Engelmann, tanto em termos da divulgação da Psicologia da Gestalt no Brasil quanto de propostas inovadoras para a própria Teoria da Gestalt:

1978 foi um ano significativo para a atividade científica de Engelmann, pois nesse ano foram publicados dois de seus livros mais importantes. Um deles é a Antologia de Wolfgang Köhler; o outro, o seu trabalho de pesquisa *Os estados subjetivos. uma tentativa de classificação de seus relatos verbais*. Antes da antologia sobre Köhler de Engelmann, a obra de Wolfgang Köhler em língua portuguesa era acessível apenas em uma tradução de 1968: *Gestalt Psychology*, obra publicada originalmente em 1929 (edição alemã de 1933, *Psychologische Probleme*). A Antologia de Engelmann possibilitou uma visão geral das contribuições básicas de Köhler para a Psicologia da Gestalt. O livro contém uma introdução de Engelmann, a qual, após um esboço da vida de Köhler, apresenta a obra completa em seus princípios básicos. A isso se segue uma bibliografia detalhada. A Antologia divide-se em três partes, que Engelmann diferencia como sendo do primeiro, segundo e terceiros períodos da obra de Köhler. Para o primeiro período, de 1909 a 1934, traz traduções de trechos de *Intelligenzprüfungen an Anthropoiden* e *Gestaltprobleme und Anfänge einer Gestalttheorie*; para o segundo período, de 1935 a 1945, seleciona trechos sobre a tese do isomorfismo, de *Werte und Tatsachen* e também do artigo *Value and Fact* (1944); e para o terceiro período (1946-1967), *The Mind-Body Problem* (1960), *Gestalt Psychology Today* (1961), *Recent developments in Gestalt Psychology* (um capítulo de *The Task of Gestalt Psychology* - 1969), bem como *Perception and Attention* -1958) (Stemberger, 2018, p. 95-96). Em 2005, Engelmann participou pessoalmente, pela primeira vez, do 14º encontro internacional da GTA (*International Society for Gestalt Theory and Applications*) (Bibace 2008, Engelmann 2008b) na Universidade Graz, cujo tema central foi *Valores, significados e fatos: o homem como sujeito* (Boudewijnse, 2006). Em sua apresentação, *The percept echelons consciousness proposal*, ampliou as propostas anteriormente apresentadas para a compreensão dos estados emocionais subjetivos com os conceitos desenvolvidos por ele nos anos 90, de consciência imediata e consciência mediata: o *Primat des Phänomenalen* na visão sobre o conhecimento da teoria da Gestalt que ele vai defender vai gerar uma compreensão direta da realidade. Isso é primeiramente dado apenas a cada pessoa, é portanto *individual*; em segundo lugar, é momentâneo, de muito curta duração



(em geral, cerca de três segundos). Dessa consciência imediata diferencia-se a consciência mediata, seja a realidade imediata, fenomenológica de outras pessoas, seja também a própria, enquanto se der além do espaço de três segundos, portanto no passado ou no futuro. As condições diferenciadas que a consciência pode assumir são, segundo a proposta de Engelmann, uma graduação de Gestalts mais fracas e mais fortes para a compreensão que perpassa a consciência em uma ou outra direção (Engelmann, 2006) (Stemberger, 2018, p.96-97).

E ainda:

A compreensão da consciência imediata, dada como apenas, ao mesmo tempo, individual e fugaz, conduziu Engelmann à pergunta: De que modo pode um homem suportar a solidão associada e encontrar algo em comum com outras pessoas? Depois de sua apresentação em Macerata, ele escreve um artigo significativamente intitulado *From the terrible loneliness to the wonderful agreement of human beings* (Engelmann, 2008a). Sua resposta a essa pergunta, defendida por ele em uma controvérsia com o psicólogo do desenvolvimento e psicanalista Roger Bibace, da Clark University (Bibace, 2008; Engelmann, 2008b), fundamentava-se no Ceticismo Probabilístico: se o Homem reconhecesse o fato de que a consciência imediata que lhe é dada é sempre apenas individual e apenas fugaz, ele seria assoberbado por uma terrível solidão. Mas, em cada momento dado, o homem não reconhece essa realidade prática – pelo contrário, ele se percebe em uma realidade cercada de muitas pessoas, e participando de múltiplos acontecimentos. Caso se questionasse criticamente, chegaria à conclusão de que esses acontecimentos ocorrem fora de sua consciência imediata, mas com uma certa aparência de veracidade (dada, entre outros fatores, pela consciência de outras pessoas) – mas apenas com alguma aparência de veracidade. Observando criticamente, Engelmann se ocupou de hipóteses, e não de realidades absolutas. Uma vez que isso ocorre com todas as pessoas, existe todavia a possibilidade da concordância e da comunidade. Engelmann via sua posição de ceticismo probabilístico como passível de unificação com a Teoria da Gestalt, mesmo reconhecendo que muitos teóricos da Gestalt não compartilhariam essa compreensão. Em suas próprias palavras, Engelmann is “a disciple of Gestalt theory which is radically different from Descartes’ type of theory. But on the other hand, Engelmann is a probabilistic skeptic (Engelmann, 2008b, p. 89).” (Stemberger, 2018, p. 97).

Livia Mathias Simão (aluna e colega – PSE-IPUSP) destaca, em artigo recente, a contribuição de Arno pesquisador em um momento em que

ainda, em alguns setores da Psicologia brasileira, encontrava-se forte resistência ao reconhecimento da condição fascinante e inescapável do ser humano como alguém que se relaciona interpretativa e inferencialmente com sua própria experiência, Arno nos abriu (...) a perspectiva do desafio de tratar com aquilo que é fenomenologicamente significativo, fazendo-o já através de seu próprio discurso nos textos que escreveu: interagia diretamente com o leitor, na primeira pessoa e



no tempo presente, falando da experiência de estar aqui e agora, convidando - o para o diálogo filosófico - científico que a partir daí se instala. Não fazia mistério de suas opções. Conseguia compatibilizar fala coloquial com densidade filosófico - científica, "marca registrada" de seus textos (Simão, 2017, p. 196).

E complementa:

O interesse, profundidade e originalidade do Arno no trato das questões filosóficas e psicológicas atinentes à consciência humana nos abriu caminho para reflexões relevantes sobre o lugar do relato verbal nas relações eu-outro-mundo, na vertente do construtivismo semiótico-cultural em psicologia (Simão, 2010). Quanto a esse aspecto, destaco seus artigos *Dos relatos verbais* (Engelmann, 1969), *O significado como parte do diálogo* (Engelmann, 1983), *Relato verbal, principal representante da consciência-2 humana* (Engelmann, 1989) (Simão, 2017, pp. 196-197).

Ênfases semelhantes podem ser identificadas nos dois depoimentos seguintes. O primeiro, de José Lino de Oliveira Bueno, docente da FFCLRP USP:

Uma das características que mais marcaram a contribuição acadêmica de Arno foi a dele não ter sido apenas um seguidor sofisticado de abordagens já bem estabelecidas - nem na filosofia, nem na psicologia - mas de enfrentar o desafio de fazer propostas e ensaios sobre questões científicas relevantes. A imagem que os primeiros contatos com Arno gerava era a do erudito distante, que tinha acesso original a autores não só de língua inglesa, mas também francesa e alemã, o que não era comum nos anos 70 do século passado. Mas, logo em seguida, este suposto distanciamento dos alunos se dissipava no seu acolhimento às nossas dúvidas e dificuldades de compreensão, na maioria das vezes ingênuas, e na sua dedicação em repetir e reformar as suas articulações teóricas. As suas questões iam sendo elaboradas e desenvolvidas, pacientemente, no decorrer de sua carreira acadêmica, em disciplinas na graduação e pós-graduação do IPUSP e, especialmente, em palestras nas reuniões anuais da SBPC e SPRP, depois SBP. Diante do impacto da Psicologia Experimental no IPUSP, Arno escapava de um reducionismo empirista radical, mas mantinha o entusiasmo pelas possibilidades que a ciência experimental oferecia para o desenvolvimento do conhecimento. A sua pergunta desafiadora principal foi: podem os relatos verbais servir de acesso rigoroso a estados subjetivos? Nove anos de pesquisas empíricas, sem perder de vista a importância de empenhar-se em manter um referencial teórico relevante, foram aplicados na redação de mais de 400 páginas datilografadas/mimeografadas dos quatro volumes de sua Tese de Doutorado. Sustentado numa concepção cética probabilística, sua resposta à sua questão principal foi "Sim", permitindo uma aproximação crítica, mas segura, entre dados observáveis e experimentais e construtos teóricos mentais. E estes resultados e enunciados tiveram consequências empíricas e teóricas importantes. De um lado, Arno elaborou a Lista de estados de ânimo presentes, identificada pela sigla LEAP, que permite acesso a diferentes estados



subjetivos através de uma escala contendo 40 relatos verbais. De outro lado, esta pesquisa cobrava um aprofundamento da compreensão do que se pode entender por Consciência, desenvolvida por ele com a noção de dois tipos de consciência. Assim como vinha expondo suas pesquisas em disciplinas e congressos, aceitou o convite para um seminário sobre sua concepção de Consciência, realizado em 1977, no Departamento de Filosofia da UNESP, na época instalado no campus de Assis. Com a presença de quase todos os docentes de Filosofia e, também, do Departamento de Psicologia, Arno enfrentou durante todo o dia um debate e críticas que, mesmo com os esperados pontos discordantes, serviram para indicar o respeito às suas propostas e sua relevância teórica. Anos depois, a disciplina *Epistemologia da Psicologia*, dos programas de pós-graduação em Psicologia e Psicobiologia do Departamento de Psicologia da USP em Ribeirão Preto, propõe como conteúdo a análise da proposta epistemológica de Arno Engelmann. Depois de várias aulas com seminários dos alunos sobre seus textos, Arno foi convidado a ministrar uma conferência, que foi seguida de um debate alimentado por duas palestras de importantes pesquisadores de abordagens diferentes da sua. A conferência e as palestras foram publicadas, posteriormente, numa seção especial da revista PAIDEIA. Um dos impactos maiores da produção de Arno é a escala do LEAP (Engelmann, 1986), divulgada internacionalmente em conferência da reunião anual de Fechner Day, e que tem sido usada, mais recentemente, em diversos projetos de pesquisa, principalmente na área de Psicologia do Esporte. Sua contribuição especial tem sido reconhecida, em congressos na área, no fato da LEAP permitir a descrição de um perfil mais amplo e completo dos estados emocionais presentes, tanto positivos como negativos, mais do que o indicado por escalas que tratam de alguns poucos estados e, em geral, quase que só negativos, tais como ansiedade e medo. O tratamento empírico e quantitativo da escala LEAP pode sugerir uma convivência fria de Arno com as emoções, como um dos pesquisadores mais notáveis na história da Psicologia brasileira reclamou na arguição de sua Tese de Doutorado: dizia que preferia falar das emoções ao ouvir uma peça de Chopin. O examinador desconhecia que Arno foi um grande intérprete de Chopin e que muitos dos seus amigos poderiam apreciar, durante mais de uma década, ao lado do olhar atento de sua esposa Lucy, os esperados e especiais comentários de Arno nos intervalos de exhibições da OSESP, na Sala São Paulo. Na verdade, o acesso mediado por sofisticadas quantitativas probabilísticas sempre foi para Arno uma tentativa de se aproximar do que há de mais completo e, portanto, também rico, da nossa experiência subjetiva.

José Aparecido da Silva, também docente da USP, traz o seguinte relato:

Conheci o professor Arno Engelmann na primavera da minha vida, com poucos anos de vida acadêmica na algibeira. Admirava-me a ampla e vasta cultura daquele homem que agregava, com rara felicidade, um profundo conhecimento da filosofia, da psicologia, da psicofísica e da matemática aplicada à Psicologia. Fazia, e fez sempre uma integração perfeita entre a filosofia e a experimentação. Sua obra li com entusiasmo, cativando-me mais aquela conectada à psicofísica,



especialmente a suas leis Weber, Fechner e Stevens. Por sua vez, em 1966, o professor Arno escreveu o primeiro artigo de psicofísica no Brasil. Magnífico *paper*, nele foram integradas as três leis psicofísicas com a teoria funcionalista probabilística de Egon Brunswik, mostrando que estas poderiam ser apropriadamente aplicadas no domínio dos julgamentos de atributos sociais, não métricos, além de suas já popularizadas aplicações no domínio dos estímulos métricos. Citando esse trabalho várias vezes em um de meus artigos, nele mencionei com orgulho: "Tivesse o artigo pioneiro do professor Arno sido publicado em inglês, teria sido um dos mais citados no domínio da psicofísica". Atrevo-me a julgar que Arno tenha sido o precursor da teoria do processamento de informação no Brasil. Impressionaram-me também, e muito, seus inúmeros trabalhos acerca da Lista de Estados Presentes, sua famosa LEAP (Engelmann, 1986), cujo gigantismo escalar se assemelha ao livro de John Carroll que, em 1993, analisou fatorialmente mais de 400 testes de inteligência aplicados nos quatro quadrantes do planeta. Chamou-me a atenção a colocação original do professor Arno de que o segredo para decifrar a mente estava naquilo que é mais comum aos seres humanos: os descritores. Um exemplo típico? Para diagnosticar, avaliar e mensurar a dor de um paciente sempre é preciso pedir ao paciente que descreva sua dor, tornando visível aquilo que a nós todos parece invisível: os descritores. Já em outros domínios, tais como, personalidade, ansiedade e inteligência, entre outros constructos psicológicos igualmente relevantes, os descritores inseridos nos registros verbais, padronizados ou não em questionários, inventários e testes, as palavras, são os melhores indicadores dos processos mentais. O professor Arno dedicou muito de sua carreira usando as palavras como sinônimo dos mecanismos mentais. Ao escrever o parágrafo acima, veio à minha mente a descrição de Sigmund Freud da primeira lição de psicanálise que, juntamente com outras quatro, foram proferidas na Universidade de Clark, há mais de cem anos. Trata-se do brilhante relato do Caso Ana O, no qual esta jovem judia inteligentíssima disse aos seus terapeutas de então que estava sendo submetida a uma *talking cure*, ou seja, cura pela conversação – ou, no repertório de Arno, uma cura pelas palavras, palavras que permitiam, ainda segundo ela, a limpeza da chaminé. Vale lembrar que Arno Engelmann, precursor do Instituto de Psicologia da USP, também tinha talento musical e queria ser pianista, o que o levou a estudar música e filosofia na década de cinquenta. Entretanto, quis o destino que ele viesse a ser professor titular do Departamento de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento da Universidade de São Paulo, dedicando-se a pesquisar os estados subjetivos perceptuais e emocionais humanos, as escalas psicofísicas e perceptuais, a psicologia da *Gestalt* e estudos sobre a epistemologia e a história da psicologia. Autor de várias publicações, dentre elas *Os estados subjetivos* (Engelmann, 1978a) e *Wolfgang Köhler* (Engelmann, 1978b) ambas publicadas em 1978 pela Editora Ática, bem como dos artigos *Dois tipos de consciência: a busca da autenticidade* (Engelmann, 1997), *A central question of psychophysics: what kinds of consciousness indicator responses to be used?* (Engelmann, 2004) e *The percept echelons consciousness proposal* (Engelmann, 2006), foi reconhecido, nacional e internacionalmente, como um destacado pesquisador da *Gestalt*,



doutrina que defende que, para se compreender as partes, é preciso, antes, compreender o todo. Para ele, conhecer a história da psicologia era conhecer um pouco das bases da ciência gestalista; desde 1956, suas pesquisas sobre estados subjetivos como retratos de relatos verbais e suas entrelinhas permitem inferir informações sobre estados conscientes e acontecimentos neurais. Por sua vez, entendendo as relações entre a psicologia e as demais ciências como uma opção pela observação, experimentação e demonstração, via, na gestalt, a possibilidade de estudar diversos conteúdos, dentre eles o ceticismo probabilístico. Adepto de pontuar sua posição científica somente após apresentar sua posição filosófica, Engelmann justificava tal postura pelo fato de se considerar um realista, que acreditava na existência de um mundo real externo independente de sua pessoa. A relevância disso? O fato de assumir que ter uma posição diante do mundo externo é algo anterior a qualquer posição sobre a ciência, inclusive sobre a Psicologia. Membro da banca de defesa de minha tese de doutorado em psicofísica, o professor Arno continuou a colaborar ativamente com seus artigos em vários números especiais sobre psicofísica e percepção que editei. Falecido a 03.11.2017, Arno, se vivo fosse, hoje ouviria que sua paixão pela psicofísica inspirou inúmeros discípulos, dentre eles este humilde psicólogo que vos fala. Foi uma dádiva ter convivido com seus ensinamentos, reflexões e palavras. A psicofísica no Brasil perdeu, com sua ausência, uma das mentes mais privilegiadas e brilhantes que já se conheceu. É um dos poucos psicólogos a quem tiro o chapéu e diante do qual me curvo. Muito obrigado, meu amigo.

3. Arno colega, amigo – e, para Lucy, parceiro de vida

O professor emérito do Instituto de Psicologia da USP, Walter Hugo de Andrade Cunha, colega e amigo de Arno, apresenta o seguinte depoimento:

Conheci Arno nos primeiros anos da década de 60, quando foi contratado, inicialmente para me substituir durante minha permanência nos EUA para um curso de pós-graduação na Universidade de Kansas e, posteriormente, ao longo de muitos anos em que fomos colegas na Cadeira de Psicologia da FFCLUSP – que, a partir da reforma universitária de 1970, deu origem ao Departamento de Psicologia Experimental (PSE) do Instituto de Psicologia da USP. Em 1963, Arno e eu saíamos algumas vezes juntos, trocando ideias, da Alameda Glette até seu apartamento ali perto, na Alameda Nothman, que era parte de nosso caminho. Nessa época, só conheci a sala de entrada, onde havia um piano, mas não cheguei a saber que o sonho de Arno era ter-se tornado pianista. Em 1964 consegui, graças a uma ajuda financeira autorizada pelo então diretor da Faculdade, o professor Mário Guimarães Ferri, a montagem de um formigueiro artificial numa das salas do porão do prédio da Alameda Glette, destinado a pesquisas e a demonstrações práticas e observações sobre a atividade instintiva para os alunos de Psicologia Comparada. O formigueiro requeria, praticamente todos os dias, cuidados como o abastecimento de vegetais, a colocação de água



nos sulcos exteriores das placas de cerâmica e a captura de eventuais formigas fugitivas, nos quais fui, felizmente, ajudado por alunos durante algum tempo após essa instalação; posteriormente, durante mais de um ano, contei com a ajuda de Arno, uma a duas vezes por semana, na renovação da água dos sulcos dos pratos de cerâmica; eventualmente no provisionamento de vegetais e, de vez em quando, na captura de formigas fugitivas. Arno sempre me pareceu um tanto contido e reservado. Vários anos depois, em 1972, os casais Arno e Lucy e também Cesar Ades e Norah estiveram comigo e Bertha, minha mulher, em Porto Alegre, para a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Lá passeamos juntos pela cidade. Certo dia, almoçamos juntos num restaurante e depois fomos visitar o Jardim Zoológico. Foi um passeio muito aprazível. Num dado momento, nós nos aproximamos de uma grande e alta gaiola que resguardava muitos papagaios. Já nessa ocasião eu era bastante calvo. Mal chegamos, um papagaio desceu celeremente do teto da gaiola em nossa direção, todo arrepiado e espevitado, gritando repetidamente "careco", e veio tocar-me. O episódio provocou a hilaridade de meus companheiros, foi lembrado posteriormente em várias ocasiões e serviu, ao que penso, para nos aproximar ainda mais da família desses casais. Em 1981, Arno e Lucy estiveram, como nós – Bertha e eu – em Salvador para participação na reunião anual da SBPC, e tornamos a almoçar juntos num restaurante e fazer um memorável passeio na lagoa do Abaeté. Ficamos os quatro muito felizes e descontraídos. Daí em diante, passamos a falar-nos mais ao telefone e passei a visitar Arno para cumprimentá-lo praticamente em todos os seus aniversários. Em algumas dessas ocasiões encontrei em sua casa amigos seus que pareciam mais íntimos, como Ana Veronica Bal, que fora minha aluna de pós-graduação, e o professor emérito de filosofia Oswaldo Porchat de Assis Pereira e esposa. Por coincidência, como me revelou Lucy, o casamento destes últimos aconteceu 10 dias antes do dela com Arno e o falecimento de Porchat se deu poucos dias antes do de Arno. Fomos amigos não só durante o tempo em que fomos colegas de trabalho até o ano em que me aposentei, como também posteriormente, embora com menos contatos, até o final de seus dias.

Ana Verônica Bal, colega e amiga, ao se lembrar de Arno, escreve o seguinte:

...é domingo de tarde... os meninos não tinham o que fazer porque os papais e as mães que acabavam de almoçar no restaurante do Clube Húngaro, ali na Rua Aurora, iam para o Carteador. Éramos filhos únicos de imigrantes do centro europeu. Arno e eu éramos uma dessas crianças que acabavam indo pegar uma matinê. O cine Metro, ali na Avenida São João era muito querido. Com o tempo abriram o Ritz, o Broadway, o Ipiranga e o Marabá e assim podíamos escolher filmes para assistir das 2h00 às 4h00 horas. Mais para o final da tarde reencontrávamos nossos pais e cada um ia para o programa que eles inventavam: casa de parente ou voltar para casa. Assim foi nosso domingo por muitos anos. Mais tarde começamos a nos encontrar também durante a semana lá na Biblioteca Municipal; daí migramos para a Maria Antônia, onde estudamos durante anos. Solteiros ou



casados continuamos a nos ver nos finais de semana. Mais tarde viúvos, o hábito foi se dissipando. Um fiapo de contato se manteve entre os sobreviventes com telefonemas semanais ou mensais. Arno Engelmann é parte da minha vida nessa época. Eu morava na Lapa e ele na Rua Apa. Líamos muitos livros. Isso tudo na década de 40 e 50. Agora é tudo lembrança. Lucy me pediu memórias: lembrei da nossa vida de domingos...

A psicóloga clínica e companheira de toda a vida de Arno, Lucy Engelmann, presta a ele a homenagem que se segue:

Quando aluna do curso clássico no C.E. Presidente Roosevelt, na rua São Joaquim, encantei-me com as aulas de Filosofia. Mas já no fim do curso meu interesse mais forte era Psicologia Clínica. Na época não havia curso de Psicologia: cursava-se Pedagogia ou Filosofia e depois havia especialização em Psicologia Educacional, Clínica ou do Trabalho. Foi assim que, em 1962, aluna do curso de Filosofia na Maria Antônia, tive aulas de Psicologia da Gestalt com o Prof. Walter Hugo de Andrade Cunha. Não era bem o que eu queria, mas era Psicologia. Ao final do ano letivo, na banca de exames, além do Prof. Walter, havia um segundo examinador: Arno Engelmann, professor recém chegado dos Estados Unidos. Não fui muito bem no exame, fiquei de 2ª época. Em Janeiro, eu estava em um café com uma amiga comum quando Arno se aproximou. Foi um gostoso bate papo, ele me acompanhou até em casa e pediu meu telefone. Embora tivesse gostado da conversa, dei o número contrariada, pois essa história professor-aluna não me agradava ,(havia boatos a respeito de alguns casos na Maria Antônia – e eu ainda tinha pela frente o exame de 2ª época); saímos, e descobrimos que tínhamos muitos interesses em comum: vínhamos, há anos, frequentando a Cinemateca, os festivais de cinema, a Biblioteca Municipal e o café da praça, os concertos do Teatro Municipal, as aulas públicas da pianista Magdalena Tagliaferro, sem que tivéssemos realmente nos notado antes. A cada coincidência de afinidades a alegria e o interesse recíproco aumentavam. Em fevereiro, ele não participou do meu exame: já estávamos namorando. Comemoramos seis meses de namoro na volta da lua-de-mel. No ano seguinte fiz vestibular para Psicologia na PUC: não queria ser sua aluna. Ao lado de nossas ocupações, nossa vida social continuou movimentada: jantávamos fora todas as noites, frequentemente com amigos, hábito que perdurou vida afora. E continuamos sempre assíduos frequentadores da vida cultural da cidade. Arno estudava o dia inteiro, às vezes descansava tocando piano. Amava o departamento de Psicologia, seus colegas e, em especial, seus alunos. Preparava as aulas com cuidado: mesmo nos cursos repetidos, jamais deixou de rever/atualizar a bibliografia, tentar aprofundar mais o assunto. Como em tudo que fazia, era movido por paixão. Ficou muito triste com sua aposentadoria e até o fim sentia falta da vida profissional. Tivemos 54 anos de vida conjunta e penso que alcançamos o mais alto grau de intimidade, cumplicidade, amizade e amor.

Considerações Finais



Procuramos, neste texto, documentar as contribuições de Arno como professor, orientador, pesquisador, colega e amigo, com base em depoimentos de seus colegas, amigos, orientandos e alunos e de artigos sobre sua produção científica recentemente publicados em sua homenagem. Em conjunto, esses depoimentos, precedidos por uma breve biografia, retratam uma pessoa gentil, afetuosa e sensível; um mestre compreensivo, acolhedor e marcante; um pensador erudito e criativo. Arno desenvolveu e ajudou a desenvolver pesquisas que integravam a filosofia e a experimentação, focalizando estados subjetivos perceptuais e emocionais humanos, utilizando escalas psicofísicas e perceptuais. Seu pensamento e sua forma de agir marcaram a vida de pessoas que tiveram o privilégio de conviver com ele. Seus alunos e alunas carregaram as sementes e disseminaram tais ensinamentos. Arno Engelmann é um grande nome da psicologia brasileira e um exemplo a ser seguido.

Referências

- Bueno, J. L. O., Firmino, E. A. & Engelmann, A. (2002). Influence of generalized complexity of a musical event on subjective time estimation. *Perceptual and Motor Skills*, 94(2), 541-547.
- Clark, C., & Engelmann, A. (2001a). Avaliação da gravidade e outros parâmetros de infrações de trânsito por motoristas e policiais: II: o papel de algumas variáveis. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 53(3), 94-111.
- Clark, C., & Engelmann, A. (2001b). Avaliação da gravidade e outros parâmetros de infrações de trânsito por motoristas e policiais: I. Escalonamento a partir da estimativa direta de magnitude. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 53(3), 78-93.
- Engelmann, A. (1969). Dos relatos verbais. *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, 1(2), 137-157.
- Engelmann, A. (1978a). *Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais*. São Paulo: Ática.
- Engelmann, A. (1978b). *Wolfgang Köhler*. São Paulo: Ática.
- Engelmann, A. (1979). A psicologia cognitivista: um ramo da psicologia indistinguível, grosso modo, das psicologias behaviorista e fenomenologista. *Psicologia*, 5(3), 23-28.
- Engelmann, A. (1983). O significado como parte do diálogo. *Ciência e Cultura*, 35, 1452-1455.



- Engelmann, A. (1986). LEAP-uma lista, de origem brasileira, para medir a presença de estados de ânimo no momento em que está sendo respondida. *Ciência e Cultura*, 38(1), 121-146.
- Engelmann, A. (1991). *A possibilidade do estudo científico da consciência*. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Engelmann, A. (1992a). A method for inferring present moods in Portuguese-speaking persons. *International Journal of Psychology*, 27, 192.
- Engelmann, A. (1992b). Longitudinal answers to presente mood scale lists and to circumstances. In *International Journal of Psychology*, 27(3-4), 188.
- Engelmann, A. (1997a). Dois tipos de consciência: a busca da autenticidade. *Psicologia USP*, 8(2), 25-68.
- Engelmann, A. (1997b). Principais modos de pesquisar a consciência-mediata-de-outros. *Psicologia USP*, 8(2), 251-274.
- Engelmann, A. (1998a). Carolina Martuscelli Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 61-65.
- Engelmann, A. (1998b). Ciência natural e consciência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 237-380.
- Engelmann, A. (2002). A psicologia da Gestalt e a ciência empírica contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 1-16.
- Engelmann, A. (2006). The percept echelons consciousness proposal. *Gestalt Theory*, 28(1/2), 223.
- Engelmann, A. (2008). From the terrible loneliness to the wonderful agreement of human beings. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 42(1), 56-75.
- Engelmann, A., & Ades, C. (1997). Consciência, Consciências. *Psicologia USP*, 8(2), 13-23.
- Figueiredo, M. A. & Engelmann, A. (1989). Um estudo sobre emoções através da aplicação, de um modelo bifatorial de atitudes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 41(1), 81-98.
- Mammi, A. (2017, 8 de novembro). Mortes: pianista diletante e professor titular da USP. *Folha de São Paulo*. Recuperado em 22 de junho, 2018, de www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1933615-mortes-pianista-diletante-e-professor-titular-da-usp.shtml



- Plataforma Lattes (s.d.). *Currículo de Arno Engelmann*. Recuperado em 22 de junho, 2018, de lattes.cnpq.br/2049572034467058
- Pereira, C. A. A. & Engelmann, A. (1993). Um estudo da qualidade de vida universitária no trabalho entre docentes da UFRJ. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 45(3/4), 12-48.
- Santos, R. A. (1988). *Conhecimento da sinalização de trânsito em Ribeirão Preto*. Dissertação de Mestrado, Programa de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Simão, L. M. (2017). Um breve relato verbal sobre um dos legados de Arno para a Psicologia. *Memorandum*, 33, 195-197.
- Stemberger, G. (2018). Arno Engelmann (1931-2017) Ein Gestaltpsychologe in Brasilien. *Gestalt Theory*, 40(1), 95-100. Recuperado em 12 de dezembro, 2018, de www.degruyter.com/downloadpdf/j/gth.2018.40.issue-1/gth-2018-0009/gth-2018-0009.pdf

Nota sobre as autoras

Ana M. A. Carvalho é Professora e pesquisadora do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo (USP) (1969-1993). Aposentada em 1993, manteve vínculos com a USP como pesquisadora e orientadora até 2007. Colaborou com o programa de pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, de 2005 a 2009, e manteve vínculos com essa instituição até 2011, como pesquisadora do projeto Gênero e Família em Mudança: Participação de pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos. Pesquisadora-bolsista do CNPq de 1983 a 2007 e auxílios FAPESP entre 1995 e 2007. Doutorado (1973) e Livre-docência (1993) pela Universidade de São Paulo. Estágios de pós-doutorado na University of Sheffield, U.K. (1989-2000), University of North Carolina, USA (1995) and Duke University, USA (1999). E-mail: anacarva2016@gmail.com

Briseida D. Resende é Professora e pesquisadora do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo (USP) (2010-atual). Auxílios FAPESP entre 1998/2002, 2008/2012, 2019. Doutorado (2002) pela Universidade de São Paulo. Coordenadora do Laboratório de Etologia, Desenvolvimento e Interações sociais e do Laboratório de Cães. Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental da USP. Email: briseida@usp.br

Data de recebimento: 23/01/2019

Data de aceite: 16/09/2019